

O ÚLTIMO POEMA DE "TUPANA-CABI"

ALFREDO LADISLAU

Na linguagem aglutinada dos Mundurucús, o apelativo borboleta, em sentido geral, significa: "fôlha que voa"; e o nome da borboleta azul quer dizer: "fôlha do céu, que voa".

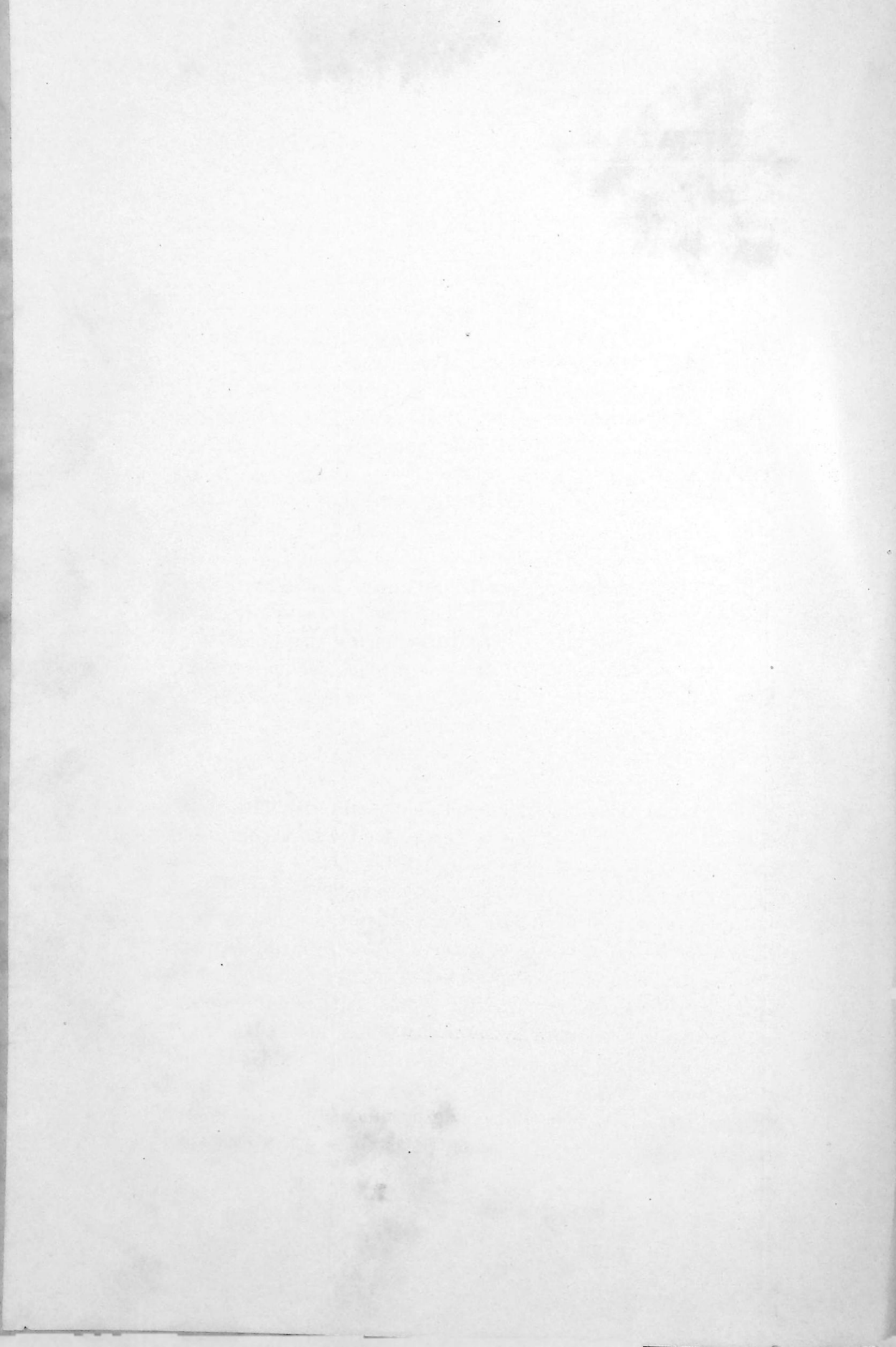
É para admirar que no cérebro dêsses indígenas, de par com a filosofia rudimentar das suas lendas, tivesse aflorado, além da original comparação das borboletas com o fenômeno das fôlhas ao vento, essa inconsciente imagem lírica aplicada à insinuante beleza da borboleta azul.

É bem verdade que os Mundurucus são os silvícolas mais inteligentes das terras brasileiras e quiçá de todo o continente americano. Eles próprios, que não se têm na conta de índios, consideram-se um povo superior, distinto dos outros. Além disso, levados talvez por intuição natural, tiveram uma vaga idéa do poligenismo das raças humanas. Segundo a sua gênese, o Ser Supremo formou, primeiramente, um casal de Mundurucus e só depois criou as outras raças inferiores: — um casal de brancos, um de pretos e outro de índios.

Ainda que tais concepções demonstrassem um apreciável grau de inteligência, não é admissível que eles tivessem criado essas duas expressões, sob o calor emotivo de uma excepcional espontaneidade poética. Sabido é que, na linguagem dos indíge-



Alfredo Ladislau



nas, uma simples palavra sintetiza, muitas vêzes, um acontecimento remoto, passado na vida da tribo, ou traduz a idéia que êles fazem sôbre a natureza do objeto designado. Procurei, por isso, descobrir a razão de ser de tais designações. Tive oportunidade de conversar, em Santarém, com uma personagem da própria tribo, um rapaz que estudava num colégio em Pernambuco e regressava à casa paterna. Pelos fracos esclarecimentos que êle pôde prestar-me coligi que a significação literal dêsses dois vocábulos prendia-se à lenda sôbre a criação das borboletas.

— “Tupana-Cabi”, isto é, Deus que está no Céu, de onde descera para criar o Mundo, estava prestes a regressar para a sua ignota morada luminosa. Depois de haver desdobrado o oceano verde das florestas e já tendo formado os seres humanos e quase todos os representantes da fauna, comprazia-se em dar os últimos retoques à sua maravilhosa concepção divina. Criou, então, tôdas as aves e espalhou pela Terra inteira, as ricas estrofes perfumadas do seu mirífico poema das flôres.

— Pensava-se que eram estas as últimas fantasias da sua infinita inteligência criadora. Mas uma nova e alucinante surpresa estava reservada ao olhar deslumbrado dos rudes casais humanos, que assistiam àqueles prodígios iniciais da vida terrena.

— Na luminosa manhã daquele derradeiro dia da Criação, Tupana-Cabi, antes de deixar a Terra, quedou-se absôrto, auscultando o ritmo vital do seu novo planêta.

— Um raio respeitoso de sol, atravessando o cristal de uma gôta de orvalho, estendeu-lhe, submissamente aos pés, a faixa colorida do arco-íris. Nisto, uma forte lufada de vento fustigou as copas das árvores e u’a multidão de fôlhas rodopiou no espaço, à mercê das loucas correntes aéreas. Tupana-Cabi contemplou, atentamente, o bailado tonto das fôlhas, até vê-las cair, à distância. E resolveu que aquelas primeiras fôlhas, caídas das primeiras árvores, não deviam ficar assim, rolando à toa, pelo chão. Tomando, então, quatro fôlhas, desprendidas de uma mesma árvore, fê-las passar, rapidamente, pelas tintas luzentes do ar-

co-íris. De súbito, pelo efeito surpreendente do seu poder infinito, dois pequenos pares de asas sôfregas, bizarramente coloridas, palpitarão inquietas, entre seus claros dedos refulgentes. Planejaram, um instante, nas radiosas mãos divinas e voaram, numa agitada incerteza, tal como fazem as fôlhas carregadas pelo vento. — Estava criado o primeiro casal de borboletas. Os lábios trêmulos dos primeiros homens murmuraram dentre as ramagens: — “fôlhas que voam”.

— E enquanto o sol parara, para manter-lhe a comovida reverência do arco-íris, Tupana-Cabi continuou a compor o seu derradeiro poema. Apanhando quatro fôlhas caídas de cada árvore, ia repetindo aquela miraculosa transformação, formando novos e diferentes pares de borboletas.

— O que mais abismava os homens primitivos era a variação infinita dos arabescos e a rica combinação de côres que refulgiam em cada um dos pares recém-criados. Já um turbilhão de pequenas asas multicores revoava pelas extensas pradarias primitivas, quando Tupana-Cabi atirou no espaço a última estrofe do seu poema, criando a majestosa borboleta azul da Amazônia.

— Os primeiros homens, contemplando o vôo irrequieto dos lindos lepidópteros, exclamaram, deslumbrados: — “fôlhas do Céu, que voam”.

— E quando volveram os olhos para o lado do arco-íris, tomaram-se de uma grande tristeza: Tupana-Cabi havia desaparecido.